

# Campanha de sensibilização sobre o HIV/AIDS no Ensino de Biologia e Saúde

## Awareness campaign about HIV/AIDS in Biology and Health Teaching

Abraão Carneiro do Carmo Rodrigues<sup>1</sup>, Aripuanã Sakurada Aranha Watanabe<sup>2</sup>, Christiano Demétrio de Lima Ribeiro<sup>3</sup>

**Resumo:** O Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) atualmente pode ser controlado por meio de antirretrovirais, além de haver disponíveis medidas profiláticas que evitam a contaminação, dentre elas as intervenções de educação em saúde. Todavia, até 2022, uma quantidade expressiva de sujeitos foi diagnosticada com o vírus, apontando para a relevância de um trabalho pedagógico sobre a infecção e suas consequências. Destarte, o objetivo deste trabalho é apresentar e discutir a construção discente de uma campanha de sensibilização sobre o HIV/AIDS em duas turmas do Ensino Médio. Para tanto, utilizamos a sistematização de experiências como método que permite a organização e reflexão ordenada de vivências em um dado campo empírico. No âmbito da intervenção, a metodologia ativa utilizada foi a sala de aula invertida, integrada aos seguintes métodos: pesquisa bibliográfica, rodas de conversa, jogo e estudo de caso. Através de tais recursos, os estudantes buscaram informações em espaços extraclasse, as esmiuçaram em discussões e debates e as aplicaram em desafios lúdicos e de análise de situações cotidianas. Esses favoreceram a apropriação de conhecimentos sobre o HIV para a construção e divulgação de materiais que resultaram em uma campanha de sensibilização sobre o tema. Por meio da intervenção, observamos a participação ativa dos sujeitos no processo de ensino-aprendizagem, oportunizando o protagonismo discente, além da priorização da construção do conhecimento em detrimento da transmissão magistral de informações. Ademais, as estratégias adotadas ensejaram o trabalho de conteúdos factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais, com a aplicação significativa e contextualizada do tema.

**Palavras-chave:** HIV. Ensino de Biologia. Sala de aula invertida. Construção do conhecimento. Educação em saúde.

**Abstract:** The Human Immunodeficiency Virus (HIV) can currently be controlled through antiretroviral drugs, in addition to prophylactic measures being available to prevent contamination, including health education interventions. However, by 2022, a significant number of subjects were diagnosed with the virus, pointing to the relevance of pedagogical work on the infection and its consequences. Therefore, the objective of this work is to present and discuss the student construction of an HIV/AIDS awareness campaign in two high school classes. To this end, we use the systematization of experiences as a method that allows the organization and orderly reflection of experiences in a given empirical field. Within the scope of the intervention, the active methodology used was the flipped classroom, integrated with the following methods: bibliographical research, conversation circles, games and case studies. Through such resources, students sought information in extra-class spaces, analyzed it in discussions and debates and applied it in playful challenges and analysis of everyday situations. These favored the appropriation of knowledge about HIV for the construction and dissemination of materials that resulted in an awareness campaign on the topic. Through the intervention, we observed the active participation of subjects in the teaching-learning process, providing opportunities for student protagonism, in addition to prioritizing the construction of knowledge to the detriment of

1 Discente do Curso de Especialização em Ciências Biológicas do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: rodrigues.a.c90@gmail.com.

2 Doutor em Ciências pela EPM/UNIFESP. Docente do Departamento de Parasitologia, Microbiologia e Imunologia do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: aripuana.watanabe@ufff.br.

3 Mestre em Biologia Animal pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Tutor do Curso de Especialização em Ciências Biológicas do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: cdemetrio.ribeiro@gmail.com.

the masterful transmission of information. Furthermore, the strategies adopted led to the work of factual, conceptual, procedural and attitudinal content, with the meaningful and contextualized application of the theme.

**Keywords:** HIV. Teaching Biology. Flipped classroom. Construction of knowledge. Health education.

## 1. Introdução

O Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) é um retrovírus<sup>4</sup> responsável pela síndrome da imunodeficiência adquirida (Aids), infecção que, conforme Madigan et al. (2006), causa danos ao sistema imune do hospedeiro em função da destruição de linfócitos T auxiliares (T CD4+), células necessárias a uma resposta imunitária efetiva. Esse acometimento imunológico, segundo o autor, pode levar à morte quando há uma redução significativa de tais células ( $< 200/\text{mm}^3$ ), pois torna o organismo suscetível a adquirir infecções oportunistas, cuja patogenicidade decorre do quadro de debilidade imunológica instaurado.

No entanto, para que uma pessoa seja infectada pelo HIV, ela precisa ter contato com os fluidos corporais de um indivíduo já contaminado. Essa exposição, majoritariamente, se dá por meio de relações sexuais desprotegidas, podendo, todavia, ocorrer por outras vias, a exemplo do compartilhamento de objetos cortantes não esterilizados, ou de mãe para filho durante a gravidez, parto ou amamentação (Brasil, 2020). Contudo, segundo o Ministério da Saúde, desde 1980, dispõe-se de tratamento através de antirretrovirais (ARV), fármacos que, consoante Madigan *et al.* (2016), atuam pela inibição da enzima *transcriptase reversa* com inviabilização da replicação do vírus. No Brasil, a distribuição desses medicamentos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) teve início em 1996, contando, hoje, com um número significativo para o tratamento da população infectada. Ademais, garante-se intervenções de profilaxia, a exemplo da distribuição de preservativos e administração do esquema de Profilaxia Pós-Exposição (PEP) (Brasil, 2020).

Apesar da existência de tais medidas, pode-se constatar, ainda, no Brasil, um número expressivo de casos de HIV e de Aids (Brasil, 2022). Em 2022 foram notificados no país 16.703 casos de HIV e 15.412 casos de Aids, sendo o Nordeste a segunda região brasileira com o maior índice absoluto de números de casos notificados (4.563). O quantitativo aponta para um número significativo de pessoas que, provavelmente, não fizeram uso de medidas preventiva e/ou que não aderiram ao tratamento, ou mesmo desconheciam sua condição soropositiva (BRASIL, 2022).

Esses dados demonstram a necessidade de um trabalho de informação e sensibilização das pessoas, não apenas alertando sobre a gravidade do HIV e da importância da prevenção, mas divulgando os avanços do tratamento, as novas medidas profiláticas como a PEP e os locais de testagem e distribuição dos medicamentos. O Ministério da Saúde considera que as ações que produzem conhecimentos na população acerca da prevenção e do tratamento do HIV têm o potencial de mudar atitudes de risco em saúde (BRASIL, 2020). As campanhas educativas são apresentadas como intervenções estruturais capazes de mudar condições socioculturais que, além de favorecer a contaminação, produzem estigmas sobre os portadores do vírus. Além disso, em minha prática docente tenho observado o desconhecimento dos estudantes tanto dos mecanismos de infecção do HIV quanto das opções de prevenção, tratamento e do modo de como acessá-los.

É por esse contexto e problemática que se justifica a proposta da intervenção educativa de construção de uma campanha sobre o HIV/Aids realizada em uma escola localizada na cidade de Salvador, Bahia, que trabalhou o tema do HIV/Aids e gerou um produto de divulgação dos saberes científicos sobre ele, na tentativa de alcançar a comunidade escolar. Essa intervenção se coaduna ao que Krasilchik e Marandino (2007) discutem sobre o ensino de ciências e cidadania. As autoras destacam o quanto se tem proposto uma alfabetização científica, sinalizando a importância que hoje é dada à disseminação dos conhecimentos científicos e tecnológicos, visando o reconhecimento da relevância da ciência e da tecnologia de modo a contribuir para a análise de situações e à tomada de decisões.

Em conformidade com isso, este trabalho objetiva apresentar e discutir, por meio de um relato de experiência, a construção discente de uma campanha de sensibilização sobre o HIV/AIDS em duas turmas do Ensino Médio

---

4 Os retrovírus são vírus que, segundo Reece *et al.*, (2015), apresentam um genoma composto por RNA, ao invés de DNA e que dispõem da enzima transcriptase reversa, cuja função é transcrever “um molde de RNA em DNA, estabelecendo um fluxo de informação RNA → DNA, oposto à direção normal.

enquanto estratégia de ensino-aprendizagem no ensino de biologia e saúde<sup>5</sup>. Na seção seguinte explicitamos a metodologia utilizada e, posteriormente, apresentamos os resultados e discussões do trabalho, que consiste no relato da intervenção empreendida, articulando-o à literatura sobre o ensino de ciências e sobre a prática pedagógica.

## 2. Metodologia

Para a realização deste trabalho utilizamos a *sistematização de experiências*, método pelo qual, conforme Holliday (2006), o sujeito organiza e ordena as suas vivências em um dado campo da experiência, que, em nosso caso, diz respeito ao âmbito do ensino de biologia e de saúde. De acordo com o autor, sistematizar a experiência não consiste apenas em descrever as ações executadas, mas refletir e compartilhar ordenadamente o processo que fora realizado. Nessa perspectiva, o relato abarca também as impressões de seu autor sobre o que foi conduzido.

Segundo a concepção de Holliday (2006), a sistematização de experiências pode se perfazer como um ato político na medida em que há diversas possibilidades de incluir, de modo direto ou não, a participação dos sujeitos nas experiências vividas. Ainda que, algumas vezes, esses não possam participar do ato final de escrever a sistematização, é preciso, segundo o autor, ter em vista que a experiência não diz respeito somente as inferências de quem sistematiza, mas as impressões, sentimentos e impressões de todos os sujeitos implicados nas experiências. Buscamos esta referência, portanto, pelo seu alinhamento metodológico não apenas como orientação procedimental, mas como norteador político da prática docente.

Para a realização dessa sistematização de experiências utilizamos o *diário de campo* como dispositivo de produção de informações, que, segundo Moura e Nacarato (2017), constitui-se como um local de registro das ações desenvolvidas e das percepções acerca do que foi realizado, destacando os acontecimentos mais significativos do processo. Assim, esse recurso metodológico viabilizou a tomada de notas dos passos realizados na intervenção empreendida, bem como as reflexões iniciais acerca do que ocorreu ao longo do processo. Na seção que se segue apresentaremos o relato sistematizado da experiência, de modo a elucidar a sequência de passos que conduziram a construção de uma campanha de sensibilização ao HIV pelos discentes, bem como as elaborações teóricas depreendidas não só do que foi por eles produzido, mas do próprio processo de execução.

## 3. Resultados e Discussão

A intervenção foi realizada em duas turmas de 2ª série do Ensino Médio de uma escola estadual da cidade de Salvador, Bahia. O desenvolvimento dessa se deu em equipes nos componentes curriculares Biologia e Saúde Integral, Agricultura e Soberania Alimentar (SIASA) sob a mediação do docente responsável. Após dividir as turmas em equipes foi proposta a construção da campanha, com a produção de materiais contendo informações a serem divulgadas na comunidade escolar. O tipo de campanha, o seu *design*, a natureza do material e os meios de divulgação foram discutidos e escolhidos pelos educandos, tendo como orientação diretiva apenas a contemplação dos seguintes tópicos: a) o conceito e a caracterização do HIV; b) diferença entre HIV e Aids; c) modos de transmissão; d) estratégias e recursos de prevenção; e) tratamento atual e f) combate ao estigma relacionado ao HIV/Aids.

A proposição inicial foi de que os estudantes fizessem uma pesquisa em sites confiáveis da internet e em livros didáticos para posterior discussão dos conteúdos encontrados em rodas de conversa, aplicação em atividades ativas de ensino com a construção de uma campanha como culminância desse ato pedagógico. Dessa forma, estabelecemos a seguinte sequência didática: a) explicação da proposta; b) pesquisa discente 1; c) roda de conversa 1; d) pesquisa discente 2; e) roda de conversa 2; e) construção do material; f) revisão docente; g) entrega da campanha.

Tal proposta contemplou a *Sala de aula invertida*, um método de ensino que confere maior protagonismo aos educandos, pois altera o modo tradicional de ensino focado na transmissão de informações por parte do professor, centrando-se no estudante (Moran, 2018). Segundo o autor, nele há uma busca prévia das informações por parte dos

5 Demarcamos o ensino de saúde porque o primeiro autor deste trabalho também aplicou a intervenção no itinerário formativo *Saúde Integral, Agricultura e Soberania Alimentar (SIASA)*, cuja proposta é discutir a saúde integral do humano a partir das dimensões física, mental e social, de modo que a intervenção sobre o HIV/Aids, embora criada para o ensino de biologia, adere bem ao currículo do componente curricular mencionado.

alunos, cabendo ao docente a função de tutoria, auxiliando-os no fornecimento e no monitoramento das referências e recursos utilizados<sup>6</sup> e os incentivando a realizarem uma pesquisa marcada por escolhas e tomadas de decisão. Ademais, a construção do conhecimento, para Piaget (1989), consiste na ação dos sujeitos *sobre*<sup>7</sup> os objetos de conhecimento, implicando interações ativas entre eles.

Logo, a pesquisa discente, a discussão em rodas de conversa e a realização de ações para aplicação dos conhecimentos, incluindo a construção da campanha, inverteriam o trabalho cotidiano docente, fazendo com que o contato inicial com os objetos de conhecimento, que exige menor mediação, se fariam em espaços extraclasse, enquanto o debate e a construção, ações que requerem maior tutoria, seriam feitas durante as aulas, aumentando o protagonismo discente (Bergmann, 2018). Além disso, segundo Piaget (1989), as propostas funcionariam como desafios que romperiam o equilíbrio das tarefas cotidianas da sala de aula, fomentando a ação do sujeito para a sua resolução, o que levaria à construção de novos esquemas de assimilação e, por conseguinte, de novos conhecimentos (MOREIRA, 2015).

Assim o buscamos fazer. Em princípio, antes da primeira pesquisa, lançamos questionamentos sobre o HIV/Aids, ensejando uma discussão inicial, de modo a aproximar os educandos do tema e levantar o conhecimento prévio que possuíam sobre ele (Zabala, 1998). Terminada esse primeiro diálogo, explicamos a proposta aos estudantes, destacando as ações que dariam subsídios à construção de uma campanha sensibilização sobre o HIV/Aids a ser divulgada na comunidade escolar.

Após isso, agendamos a primeira roda de conversa para a aula seguinte e solicitamos que as equipes, ao longo da semana, fizessem uma pesquisa sobre os aspectos biológicos do vírus, com ênfase na infecção e replicação. Salientamos a importância de que as buscas realizadas pela internet fossem, preferencialmente, feitas em sites de universidades e de algumas plataformas educacionais públicas, a exemplo do *Jornal da USP* e do *Mundo Educação*. Salientamos, entretanto, que a proposição da pesquisa pelos estudantes ocorreu sob a forma de um estudo dirigido com questões norteadoras, a fim de guiar os estudantes em suas buscas.

Feita a pesquisa, realizamos a primeira roda de conversa (figura 1) que foi sistematizada da seguinte forma: a) *formação de um círculo*, rompendo a configuração enfileirada da sala; b) *sorteio das questões norteadoras* entre as equipes e c) *discussão dos tópicos* entre as equipes, com intervenções mediadoras feitas pelo professor. Dessa forma, após a reconfiguração do espaço, um membro de cada equipe retirou de uma caixa dois números correspondentes a duas questões que foram pesquisadas e receberam a orientação de que, em ordem crescente, cada equipe apresentaria o seu tópico, abrindo-se em seguida para perguntas e comentários das outras equipes.

Figura 1: Primeira roda de conversa sobre HIV/Aids na 2ª série Matemática



Fonte: Dados da pesquisa

6 Apesar de os estudantes possuírem maior autonomia no estudo do tema, Moran (2018) destaca a importância da mediação docente no uso da *Sala de aula invertida*. Isso significa que o docente deve estar atento ao que os estudantes fazem em suas ações, orientando-os em todo o processo, como, por exemplo, ajudando-os a avaliar se os sites pesquisados são de fontes confiáveis e verificando se os seus conteúdos são próprios tanto para a atividade em execução quanto aos próprios estudantes. Em conformidade com isso, salientamos que a intervenção prevê o monitoramento do acesso aos sites de internet utilizados.

7 Realçamos este termo apenas porque a concepção piagetiana de construção de conhecimento é relacional e enfatiza a ação do sujeito “sobre” os objetos, transformando-os e transformando a sua própria estrutura cognitiva; ação essa que contribui para o avanço nos estádios do desenvolvimento cognitivo em suas relações com as noções de equilíbrio e desequilíbrio (Piaget, 1989).

Salientamos que, a princípio, os estudantes tendiam a ler o que haviam encontrado nas pesquisas, emitindo poucos comentários sobre as informações comunicadas, evidenciando, provavelmente, uma inibição em participação enquanto traço que se reitera a cada vez em que as aulas replicam os modelos tradicionais de ensino, nas quais os estudantes são vistos como sujeitos que pouco ou nada sabem e que receberão as informações já decodificadas. Por isso, nesse momento, buscamos provocar gestos de desequilíbrio, a partir do que propõe Piaget (1989), realizando perguntas de aprofundamento do que era lido, ao invés de, impositivamente, reprimir a leitura. No processo, para incentivar a reconfiguração do próprio debate, fomentando uma fala mais livre e problematizadora, pedimos para que as outras equipes contribuíssem, destacando as aproximações e divergências em relação ao que haviam pesquisado e realizando perguntas referentes ao tópico discutido. Assim, por meio da roda de conversa, os estudantes não só puderam apresentar o que pesquisaram sobre os tópicos, como discutiram ideias divergentes e percepções particulares sobre o que foi encontrado nas pesquisas.

Acreditamos que o dispositivo sala de aula invertida, já que, em sala, operamos uma discussão e não uma exposição pelo docente, de forma que os estudantes, sob mediação, na perspectiva de Bergmann (2018), puderam trabalhar habilidades de *argumentação*, *correlação* e *problematização*, que se beneficiam da presença do professor, enquanto a leitura do material, normalmente feito em aula, foi feito previamente pelos discentes fora da sala.

Assim, o tema teve como ponto de partida a investigação por parte dos estudantes, que, por meio de uma roda de conversa, foram responsáveis por seu compartilhamento à turma, socialização capaz de fomentar, conforme Moran (2018), uma *aprendizagem colaborativa*, garantindo a coprodução em sala de aula. Piaget (2011) também destacou a importância da pesquisa e do trabalho em grupo, por considerar que a cooperação entre os discentes torna mais oportuna a construção do conhecimento e o desenvolvimento cognitivo, uma vez que as operações lógicas teriam como fundamento o princípio da colaboração. Ademais, acreditamos que o formato *roda de conversa* se aproximou das atividades de discussão na perspectiva de Castanho (1991), que consistem em atos de submissão de um tema a um esmiuçamento por parte dos envolvidos, analisando as implicações nele contidas.

Em seguida, dando continuidade à intervenção, pedimos que os estudantes fizessem uma segunda pesquisa, aprofundando o que foi discutido e considerando aspectos ainda não abordados, a fim de serem aplicados em um jogo que dinamizasse a intervenção e colocasse um novo desafio que pudesse mobilizar a cognição dos sujeitos, viabilizando maior interação com os objetos de aprendizagem e facilitando a construção do conhecimento desses (Moreira, 2015). Em conformidade com isso, o jogo ocorreu da seguinte maneira: a) organização das equipes em sala; b) escrita e leitura das regras do jogo, chamado por nós, aqui, de dinâmica lúdica, pois foi assim que o apresentamos aos estudantes; c) momento de leitura do material pesquisado; d) efetuação das partidas do jogo.

Essa dinâmica lúdica consistiu, pois, em um jogo coletivo, no qual as equipes, competindo entre si, teriam que, ao escutar uma frase, identificar se essa estava ou não correta, reconstruindo a sentença caso tivesse a julgasse como falsa. Assim, a cada rodada, duas equipes sorteavam uma frase a ser lida por um colega. Em seguida, três minutos eram fornecidos para análise e reescrita da sentença. O acerto implicava a pontuação da equipe.

Por meio dessa dinâmica, os estudantes puderam realizar um diagnóstico do que já sabiam sobre o tema e reconstruir sentenças equivocadas, ações que, se inscreveram como desafios no sentido piagetiano do termo. Afinal, a ação de jogar implica a realização de operações lógicas que estão relacionadas ao desenvolvimento, como, por exemplo, realizar interpretações, classificar e operar informações (Macedo; Petty; Passos, 2000). Ademais, Camargo e Daros (2018) consideram o jogo de verdadeiro, falso como uma estratégia pedagógica ativa por ser lúdica e prazerosa.

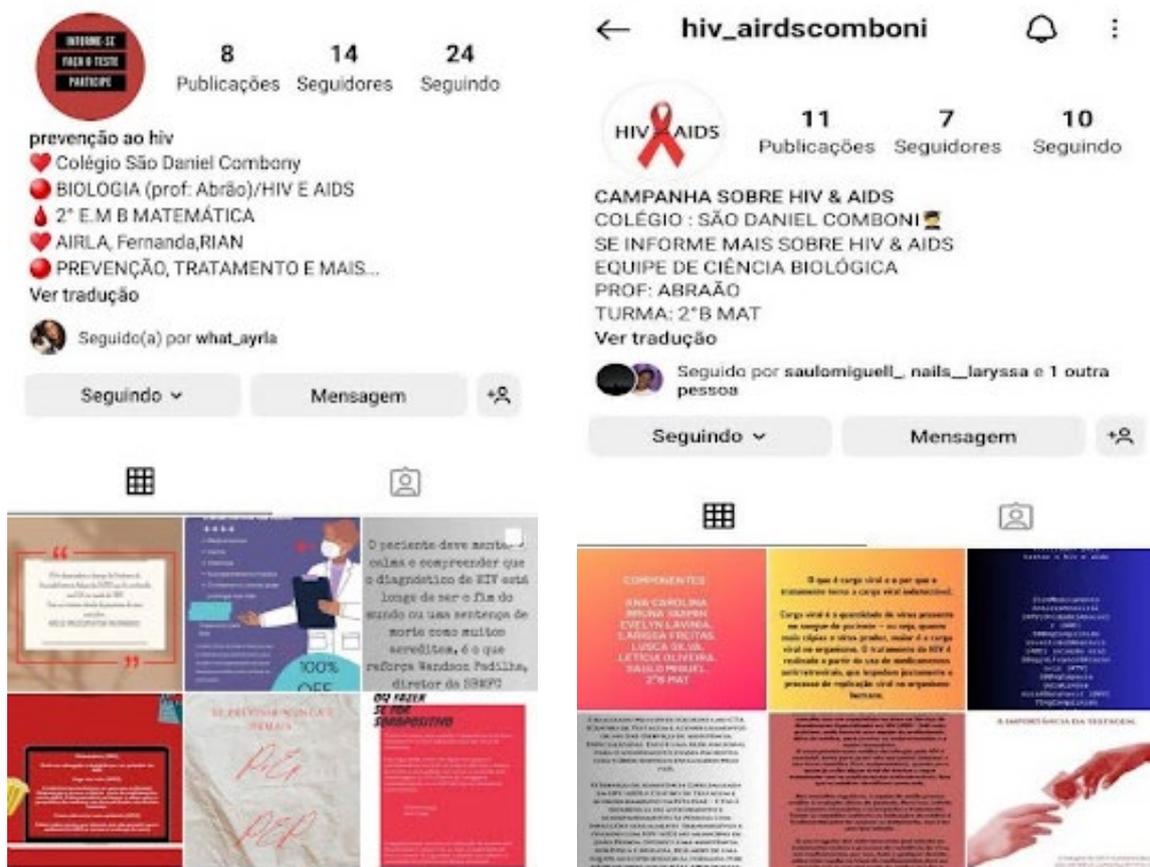
Com a finalização do jogo, as equipes receberam um *estudo de caso* que, após resolução, foi discutido em outra roda de conversa. O caso continha uma situação envolvendo os riscos sobre a infecção por HIV, desenvolvimento da Aids e as ações de profilaxia, além de pôr em relevo o estigma voltado para as pessoas portadoras dessa infecção. Os estudantes eram convidados a lerem o caso e pensarem em soluções para os problemas apresentados nele. Além da análise da situação e do enfrentamento de problemas configurarem ações que exigem maior protagonismo dos sujeitos, aplicando em sala os conhecimentos pesquisados (Bergmann, 2018), o estudo de caso pode ser encarado, sob a ótica da *Aprendizagem por desafios*, método que, segundo Moran (2018), contribui para otimizar a aprendizagem dos estudantes.

Findada tal etapa, ao invés de corrigir o caso, optamos por discuti-lo, coletivamente, na última roda de conversa realizada. Assim, em uma perspectiva freiriana, dialogamos e esmiuçamos (Castanho, 1991) os aspectos teóricos dos tópicos aplicados à prática, visando a transformação da realidade (Freire, 1996). Essa discussão, nos moldes da primeira roda de conversa permitiu a ampliação da compreensão do HIV com base em aspectos cotidianos.

Por fim, acabada a discussão realizada na roda 2, os estudantes foram orientados sobre a construção da campanha<sup>8</sup>. Nesse encontro sanamos dúvidas e propomos ideias, abusando da imaginação e da criatividade no ensino de ciências como é indicado por Krasilchik e Marandino (2007). Foram fornecidos exemplos de campanhas construídas pelo Ministério da Saúde, a fim de que pudessem conhecer melhor esse gênero textual. Após isso, demos o prazo de uma semana para a entrega da primeira versão das campanhas. A maioria delas foi realizada digitalmente através do *Instagram*, mídia digital escolhida por algumas equipes para o compartilhamento de *cards* produzidos em aplicativos específicos, a exemplo do *Canva*. Trabalhos como o de Rodrigues, Sampaio e Sampaio (2023) demonstram que essa rede social pode ser utilizada como dispositivo pedagógico, desde que funcione, na perspectiva de Moran (2013), como espaço tecnológico de suporte à aprendizagem.

As campanhas (figuras 2 e 3) produzidas foram entregues e devolvidas para a realização de ajustes finais. Foram elaboradas 8 campanhas ao total, sendo uma por equipe. Em sua maioria contemplaram os principais aspectos discutidos sobre o HIV, com maior relevo para a prevenção e o tratamento, especialmente sobre as profilaxias de Pós-Exposição e a diferenciação de HIV e Aids, tendo em vista que eram informações desconhecidas pela maioria dos estudantes e que foram exploradas com maior profundidade nas rodas de conversa e durante o jogo. O combate à estigmatização e a abordagem dos aspectos problemáticos relacionados à expressão grupo de risco foram pouco explorados, a despeito da discussão feita.

Figura 2: Exemplos de campanha construída por estudantes da 2ª série Matemática

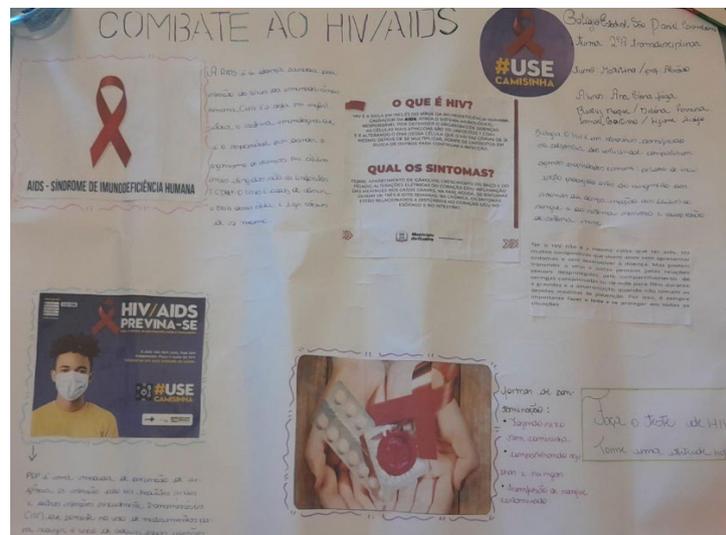


Fonte: Instagram/Dados da pesquisa

Apesar de a maioria ter utilizado o Instagram como meio para divulgação, alguns estudantes fizeram cartazes para serem impressos e fixado nos murais da escola, enquanto outros foram feitos à mão a partir da apresentação de informações e colagem. Um dos cartazes pode ser visualizado na figura 3.

8 Cabe salientar que, apesar da dedicação de uma aula específica para a orientação da construção das campanhas, propriamente dita, sinalizamos, sempre que possível, em aulas anteriores, que os educandos deveriam selecionar, as informações que mais fossem discutidas para comporem os materiais construídos para a campanha. Dessa forma, todo o trabalho daria subsídios à elaboração de campanhas de orientação e sensibilização, produtos finais que marcam a culminância de toda a intervenção realizada.

Figura 3: Cartaz físico produzido por uma das equipes da 2ª série Transdisciplinar



Fonte: Dados da pesquisa

O que observamos é que a maioria do material produzido apresentou informações verídicas sobre o HIV, estando de acordo com o que foi discutido, a despeito de alguns equívocos que foram revisados pelo professor. Ademais, praticamente todos os materiais confeccionados contemplaram os principais aspectos do HIV/Aids, demonstrando que é possível, por meio da construção de uma campanha, abordar conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais (Zabala, 1998), embora tenha notemos maior enfoque conceitual e procedimental nas campanhas, visto que tenham sido menos explorado os aspectos sociais da infecção, com a finalidade de mudança de posicionamento e ressignificação do que é possuir HIV hoje, principal aspecto de uma campanha dita de conscientização. Isso não significa que essas atitudes não foram trabalhadas, pois, as falas nos debates, demonstram o contrário, assinalando apenas a pouca expressão dos conteúdos atitudinais nas campanhas. Consideramos que esse aspecto foi uma lacuna em nossa intervenção, que acabou mais concentrada na apreensão do tema e na produção do material. Diante disso, entende-se a necessidade de, em uma intervenção pedagógica dessa natureza, trabalhar em prol de uma maior divulgação, o que prevê uma ação mais articulada com outros atores escolares. De todo modo, a despeito das lacunas, consideramos todas as ações em prol da campanha como situações profícuas de aprendizagem.

## 4. Considerações Finais

Objetivamos, com este trabalho, apresentar e discutir, por meio de um relato de experiência, a construção de uma campanha de sensibilização sobre o HIV/AIDS por discentes de duas turmas do Ensino Médio Regular como estratégia de ensino-aprendizagem no ensino de biologia e saúde. Tal elaboração ocorreu a partir de um conjunto de métodos integrados à metodologia sala de aula invertida, a saber, pesquisa bibliográfica discente, discussão e debate por meio de rodas de conversa, jogo e estudo de caso, que, articuladas, ensejaram a produção de materiais textuais e audiovisuais com informações sobre o tema.

De certo modo, acreditamos ter cumprido o objetivo de fazer dessa intervenção um método de ensino-aprendizagem em biologia e saúde, inscrevendo-a, antes de tudo, como uma situação de aprendizagem, isto é, enquanto um espaço potencial de construção e apreensão do conhecimento sobre o tema, uma vez que viabilizou a criação de circunstâncias nas quais os estudantes exercitaram e adquiriram conceitos, atitudes e habilidades, não só por assumirem a posição de protagonistas, mas por, ao ocuparem-na, terem se confrontado com uma série de desafios de aprendizagem no sentido piagetiano do termo, ou seja, pelo fato de terem se deparado com situações desequilibradoras, que ensejaram conflitos cognitivos cuja resolução implica o uso e o ajuste dos esquemas de assimilação da realidade, de modo a poder lidar melhor com ela, no que tange algumas das problemáticas relacionadas ao HIV/Aids em nosso país.

Embora tenhamos assumido que as campanhas tenham apresentado fragilidades, sobremaneira na sua etapa final de divulgação, com a pouca expressão dos aspectos sociais do HIV, revisamos, diante disso, a idealização da própria campanha enquanto produto, que a coloca como um resultado capitalizado do saber. Em conformidade com esse (re)exame da proposta, o próprio desenvolvimento do trabalho nos apontou para a importância de que a prática educativa aposte do próprio processo como resultado e não como produto inscrito tal e qual em uma lógica capitalista do conhecimento.

Isto significa, do ponto de vista prático, que mais que uma campanha, o objetivo é alcançado pelo que ela ensejou para a sua construção, isto é, para os aspectos interacionais forjados entre o docente e os discentes, que se presentificaram em ações como, por exemplo, o ato de fazer perguntas, participar, refletir sobre o tema e aplicar o conhecimento na resolução de situações cotidianas. Tais ações podem indicar para resultados atitudinais invisíveis na campanha enquanto produto, mas que se refletem em mudanças de comportamentos mediante o acesso e discussão sobre o tema HIV/Aids.

Nesse sentido, acreditamos que a sensibilização de temas relacionados à saúde já é, em si, um resultado importante e que se perfaz naquilo cuja maturação se consolida no futuro, naquilo que pode mudar a partir do trabalho no presente, que não para em uma intervenção, mas que tem nessa o início de um trabalho cotidiano em prol da construção do conhecimento, na escola, em prol da cidadania. Espera-se poder dar continuidade a esse trabalho em outros anos letivos, aproveitando, inclusive, o material que fora elaborado, atentando-se, contudo, para o que ficou a desejar, cientes de que todo ato pedagógico é passível de aprimoramento e adequação.

## Referências

BERGMANN, Jonathan. **Aprendizagem invertida para resolver o problema do dever de casa**. Tradução: Henrique de Oliveira Guerra. Porto Alegre: Penso, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Aids/HIV**. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/h/Aids-hiv-1/Aids-hiv>> Acesso em 27 de jan. de 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim epidemiológico: HIV/Aids 2022**. Brasília, DF, 2022.

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. **A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo**. Porto Alegre: Penso, 2018.

CASTANHO, Maria Eugênia. Da discussão e do debate nasce a rebeldia. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.) **Técnicas de ensino: por que não?** Campinas, SP: Papirus, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOLLIDAY, Oscar Jara. Sistematização de experiências: algumas apreciações. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (org.). **Pesquisa Participante: a partilha do saber**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

KRASILCHIK, Myriam; MARANDINO, Martha. **Ensino de ciências e cidadania**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2007.

MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia Sícoli; PASSOS, Norimar Christe. **Aprender com jogos e situações problemas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

MADIGAN, Michel *et al.* **Microbiologia de Brock**. 14 ed. Tradução: Alice Freitas Versiani *et al.* Porto Alegre: Artmed, 2016.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (Orgs.) **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21 ed. São Paulo: Papyrus, 2013.

MOREIRA, Marco Antonio. A teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget. In: MOREIRA, Marco Antonio. **Teorias da aprendizagem**. 2 ed. São Paulo: EPU, 2015.

MOURA, Jónata Ferreira de; NACARATO, Adair Mendes. A entrevista narrativa: dispositivo de produção e análise de dados sobre trajetórias de professores. **Cad. Pes.** São Luís, v. 24, n. 1, 2017.

MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia Sícoli; PASSOS, Norimar Christe. **Aprender com jogos e situações problemas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar**. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** 20 ed. Tradução: Ivette Braga. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 17 ed. Tradução: Maria Alice Magalhães D'Amorim; Paulo Sérgio Lima Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

REECE, Jane *et al.* **Biologia de Campbell**. 10 ed. Tradução: Anne D. Villela. Porto Alegre: Artmed, 2015.

RODRIGUES, Abraão Carneiro do Carmo Rodrigues; SAMPAIO, Tiago Santos; SAMPAIO, Márcio Santos. O google forms no ensino de biologia: flexibilizando e dinamizando o trabalho pedagógico na EJA. In: SILVEIRA, Jader (Org.) **Educação e Transformação**: metodologias inovadoras – volume 2. Formiga, MG: Editora Ducere, 2023.

STENGERS, Isabelle. **Uma outra ciência é possível**: manifesto por uma desaceleração das ciências. Tradução Fernando Silva e Silva. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Tradução: Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.